

4 Sobre o si-mesmo

Presente em grande parte dos escritos de Jung, a concepção de si-mesmo⁵³ adquiriu significativa importância em sua teoria a ponto de, em 1951, publicar **Aion** - Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo, que, em suas *Obras Completas*, se situa no volume IX/2 (JUNG, [1951] 1990)⁵⁴.

Todavia, de acordo com este autor, em carta ao *Dr. Herbert E. Bowman*, em 18/06/1958, esta idéia já era conhecida “na filosofia antiga e moderna do Oriente” – em especial na filosofia Zen. No ocidente, “mestre Eckhart foi o primeiro na Europa em que o si-mesmo começou a ter papel importante. Depois dele, alguns dos grandes alquimistas alemães assumiram a idéia e a transmitiram a Jacob Böhme, Ângelo Silésio e outros espíritos afins.” (JUNG, [1956-1961] 2003, p. 165)

⁵³Podemos observar que o termo original em alemão *Selbst* é grafado em formas distintas, quando vertido para a língua portuguesa. Encontramos, no **Dicionário junguiano** (Co-edição Vozes e Paulus), de Pieri, “Si-mesmo” (PIERI, [1998] 2002, p.462); em *Jung: vida e obra*, de Nise da Silveira (Editora Paz e Terra), “self” – versão inglesa para a palavra *Selbst* – e “si mesmo”, sem hífen (SILVEIRA, [1981] 1984 p. 99); no livro *O homem e seus símbolos*, como “self” (JUNG, [1964] [19—?], p. 161), e, em **Memórias, sonhos e reflexões**, como “self” (JUNG, [1961] 1996, p.7), “si-mesmo” (idem, p. 289) e também como “Si-mesmo” (idem, p.293) (ambos os livros da Editora Nova Fronteira); no **Dicionário crítico de análise junguiana** (SAMUELS [1986] 1988, p.193) e em **Jung e os pós-junguianos** (SAMUELS, [1985] 1989, p.33), ambos da Editora Imago, como “self”; nos três volumes das *Cartas de C. G. Jung* (Editora Vozes), como “si-mesmo” (JUNG, [1906-1945] 1999a) (JUNG, [1946-1955] 2002) (JUNG, [1956-1961] 2003); nas *Obras Completas de C.G. Jung* (também da Editora Vozes), encontramos grafias distintas num mesmo volume, como na segunda edição do texto **Psicologia da religião ocidental e oriental**: “Si-mesmo” (JUNG, [1948] 1983 § 232) e “si-mesmo” (JUNG, [1954] 1983 § 394), e, em **Psicologia e alquimia**, encontramos somente a grafia “Si-mesmo” (JUNG, [1944] 1991b § 22), referindo-se, por vezes, a “Selbst” (idem §§ 20 e 247). Optamos pela grafia *si-mesmo* – exceto quando o termo ocorrer numa citação – pelo fato de nosso texto ser redigido em português, por ser a mais utilizada nas *Obras Completas de C.G. Jung*, da Editora Vozes, e também porque a palavra *Self* tem um sentido amplo, já que é utilizada em outras linhas teóricas da psicologia.

⁵⁴A data do prólogo de **Aion**, escrito por Jung, é de 1950, e nele o autor se refere ao “oitavo volume de [...] [seus] Tratados de psicologia” (JUNG, [1951] 1990 p. viii). Mas, dentro das obras de Jung, sua data de publicação é 1951 e, como visto acima, faria parte do volume IX tomo 2. De acordo com a “Nota dos editores” das *Obras Completas de C. G. Jung*, “o volume IX [...] é dedicado a estudos sobre os arquétipos específicos. A primeira parte do volume [IX/1], intitulada: ‘Os arquétipos e o inconsciente coletivo’, é composta de ensaios mais breves [estes com datas de edições definitivas que variam de 1936 a 1955]; a segunda parte [IX/2], denominada ‘Aion’, é uma extensa monografia sobre o arquétipo do si-mesmo. O antigo subtítulo: ‘Estudos sobre a História do Símbolo’ se referia à segunda parte da edição de 1951, isto é, ao trabalho de MARIE-LOUISE VON FRANZ sobre ‘A Passio Perpetuae’ [...]. Com o consentimento do Autor, utilizamos, no presente volume [IX/2], o subtítulo que figura no índice das matérias: ‘Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo’” (JUNG, [1951] 1990, p. vii).

Nesta mesma carta, Jung afirma que Goethe, em **Fausto**, e Nietzsche, em **Zaratustra**, tentaram, em vão, se aproximar da idéia do si-mesmo. Assim, em suas palavras, “no curso de meus estudos psiquiátricos e psicológicos defrontei-me com este fato óbvio e, por isso, comecei a falar *de novo* do si-mesmo”⁵⁵ (idem, p. 166).

De acordo ainda com Jung, em carta ao *Pastor Max Frischknecht*, datada em 07/04/1945, “eu não inventei esta denominação [si-mesmo]. Ela existe com o mesmo sentido e para a mesma coisa há muitos séculos antes de minha existência.” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 364)

Apesar de Jung afirmar, em correspondência à *Dra. Jolande Jacobi*, em 13/03/1956, que “a idéia de totalidade” é uma expressão que usou “para descrever [...] o si-mesmo”, para ele, “os conceitos não têm muita importância”. Isso, porque Jung assevera não fazer “pressuposições filosóficas; [...] por isso nunca” partiu “da ‘idéia da totalidade’.” (JUNG, [1956-1961] 2003, p. 18)

Segundo Jung, o si-mesmo é um fator psíquico de que só se pode ter uma

idéia satisfatória [...] a partir de uma experiência mais ou menos completa [...] [e] uma crítica filosófica [...] encontrará toda espécie de defeitos, se não se atentar previamente que se trata de *fatos* e que o chamado conceito, neste caso, não é mais do que uma descrição ou definição resumida desses fatos. [...] Não se trata do conceito, mas sim de uma palavra, de uma ficha de jogar que só tem importância e aplicação por representar a soma das experiências que, lamentavelmente, não posso transmitir aos meus leitores [...] Sempre que meu método é aplicado [descrição da natureza dessas experiências e o método de obtê-las], são confirmadas as minhas indicações referentes aos fatos. Na época de Galileu qualquer um poderia ver as luas de Júpiter, se se desse ao trabalho de usar o telescópio por ele inventado. (JUNG, [1951] 1990 § 63)

Ainda de acordo com Jung, a filosofia não seria uma ferramenta apropriada para compreender seu conceito do si-mesmo. No texto “*Religião e psicologia*”: *Uma resposta a Martin Buber*, ele afirma que uma perspectiva filosófica não seria adequada para lidar com seus

conceitos empíricos [que] são de natureza irracional. O filósofo que os critica, como se fossem conceitos filosóficos, trava uma batalha contra moinhos de vento e se envolve, como Buber com seu conceito do *si-mesmo*, nas maiores dificuldades. Os conceitos empíricos são nomes que usamos para designar complexos de fatos reais e existentes. (JUNG, [1952] 2000a § 1511)

⁵⁵Itálico nosso.

Neste mesmo sentido, Jung remete, mais uma vez, ao **Fausto**, de Goethe, em carta datada de 27/12/1958 ao *Rev. Morton T. Kelsey*, quando diz: “‘Nome é som e fumaça’ [...] Contudo, esses nomes apontam para algo fundamental, para uma grandeza que atua secretamente e que afeta o ser humano todo. Por isso a ciência, que atua de fora para dentro, do conhecido para o desconhecido, chamou-a de si-mesmo” (JUNG, [1956-1961] 2003, p. 182)

Para Jung, “embora a ‘totalidade’, à primeira vista, não pareça mais que uma noção abstrata [...], contudo [como já dito anteriormente] é uma noção empírica” (JUNG, [1951] 1990 §59). Por outro lado, ainda segundo Jung, “empiricamente, a consciência é incapaz de abarcar a totalidade” (idem § 171), pois, conforme carta enviada ao *Prof. Arvind U. Vasavada*, em 22/11/1954, “só podemos dizer que o si-mesmo é ilimitado, mas não podemos *experimentar* sua infinitude.” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 365)

Dificultando mais ainda uma tentativa de precisão, o si-mesmo, que é a totalidade, é uma palavra cujo significado “permanece envolto numa obscuridade ‘metafísica’[...] [e] nada podemos afirmar acerca de seus conceitos possíveis” (JUNG, [1944] 1991b § 247). Por ser, segundo Jung, “simplesmente incognoscível” (idem § 327), o si-mesmo se apresenta como um paradoxo (JUNG, [1951] 1990 §§ 257, 341, 355) “absoluto” que é “consciente até certo ponto” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 233). Mais que isso, é também “indefinido” (JUNG, [1944] 1991b § 22) e de caráter “indefinível” e “indescritível” (idem § 20) – “um mero postulado” (idem § 247).

De acordo ainda com o autor, o si-mesmo se apresenta sem “condições de estabelecer quaisquer limites” sobre ele (idem § 247) e se aproxima de um grau de demarcação, no mínimo, complexo, “já que representa a tese, a antítese e a síntese em todos os aspectos.” (idem § 22)

Jung afirma que “é impossível chegar a uma consciência aproximada do si-mesmo [...], [que] sempre constituirá uma grandeza que nos ultrapassa” (JUNG, [1928] 1978 § 274), e adverte, em carta datada de 31/07/1954 a uma *Destinatária não identificada*: “o si-mesmo é mais do que podemos compreender. Por isso, não tente compreender [...]” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 350), pois, “ainda que saibamos alguma coisa do si-mesmo, nós não o conhecemos”, diz Jung na carta ao *Prof. Arvind U. Vasavada*, em 22/11/1954 (idem, p. 364).

Por outro lado, Jung afirma que se sentiu “impelido [...] a dar o nome psicológico de *Si-mesmo* (Selbst) [...], suficientemente determinado para dar uma idéia da totalidade humana e insuficientemente determinado para exprimir o caráter indescritível e indefinível da totalidade.” (JUNG, [1944] 1991b §20)

Assim, Jung lida com o si-mesmo como um “conceito” (JUNG, [1951] 1990 § 1), em momentos e passagens distintas⁵⁶. Desta forma, apesar de não aceitar que suas concepções possam ser questionadas por um viés filosófico, o si-mesmo é definido por ele mesmo, *filosoficamente*, como um “conceito limite, algo como a ‘coisa-em-si’ de Kant” (JUNG, [1944] 1991b § 247). _

O que podemos depreender da expressão *coisa em si*, utilizada por Kant na **Crítica da razão pura** (KANT, [1781] 1994), é que ela nos remete a algo que existe em si mesmo, diferentemente do fenômeno que se apresenta. É algo que não é passível de ser objeto de conhecimento científico, por ser inacessível ao conhecimento humano. Isso ocorre por encontrar-se numa instância que extrapola os limites das estruturas do próprio ato cognitivo⁵⁷.

Também em carta ao *Pastor Max Frischknecht*, de 07/04/1945, ao fazer algumas observações sobre seu livro *Die Religion in der Psychologie C. G. Jungs* (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 366 nota 1), Jung aponta, entre outras questões, que sua idéia do si-mesmo tem afinidade com aquilo que Kant chamou de “‘Ding an sich’” – *a coisa em si* –, como um “‘conceito limite simplesmente negativo’” (idem, p. 364).

Em outras passagens também podemos observar esta mesma linha de raciocínio. Em **Psicologia e alquimia**, Jung afirma que, “devido ao fato de a personalidade humana ser fundamentalmente indefinível, o si-mesmo é um

⁵⁶Exemplarmente, citamos (JUNG, [1948] 1983 § 233) (JUNG, [1944] 1991b § 902) (JUNG, [1906-1945] 1999^a, p. 364) (JUNG, [1946-1955] 2002, p.241).

⁵⁷De acordo com Pieri, em seu **Dicionário junguiano**, Jung afirma “que a psicologia como ciência não possui métodos e critérios que garantam em absoluto os procedimentos cognitivos que a própria psicologia desenvolve [neste sentido ele retoma a noção da *coisa em si*] e a utiliza para criticar as quedas cientificistas do positivismo. Dessa forma a expressão ocorre especificamente na sua acepção *relativamente negativa* para salientar os intentos e limites do saber psicológico”. (PIERI, [1998] 2002, p.93). No seu *Comentário a “Segredo da flor de ouro”*, Jung diz: “o fato de que eu me contente com o que é psiquicamente experimentável e rejeite o metafísico não implica, como qualquer pessoa inteligente poderá compreender, um gesto de ceticismo ou de agnosticismo dirigido contra a fé e a confiança em poderes mais altos, mas significa aproximadamente o que KANT pretendeu dizer, referindo-se à ‘coisa em si’, ao designá-la como um ‘conceito-limite meramente negativo’. Dever-se-ia evitar qualquer afirmação acerca do transcendental, uma vez que isso representa apenas uma presunção ridícula de um espírito humano inconsciente de suas limitações. Portanto, ao designar-se Deus ou o Tao como um impulso ou estado da alma, com isso só se diz algo sobre o cognoscível e nada sobre o incognoscível; acerca deste último, até agora, nada foi descoberto.” (JUNG, [1929/1957] 2003b § 82)

conceito-limite, expressando uma realidade ilimitada em si.” (JUNG, [1944] 1991b § 452 nota 13). Em carta a *Robert C. Smith*, de 29/06/1960, Jung define, mais uma vez, “o si-mesmo como um *conceito-limite*. Isto deve ser um enigma para pessoas [...] que não conhecem a epistemologia do empírico” (JUNG, [1956-1961] 2003, p. 269).

Trata-se não só de um *conceito limite*, como também de um “conceito psicológico” (JUNG, [1951] 1990 § 426), “transcendente” (idem § 115) e empírico de natureza irracional (JUNG, [1952] 2000a § 1511). Ele afirma, outrossim, que, “em virtude de suas qualidades empíricas, o si-mesmo se manifesta por fim como o ‘eidos’ (idéia)” (JUNG, [1951] 1990 § 64).

De acordo ainda com Jung,

o si-mesmo não é apenas um conceito abstrato, ou um postulado lógico, mas uma realidade psíquica que só é consciente até certo ponto, abrangendo também a vida do inconsciente, razão pela qual não é diretamente perceptível à observação, só podendo exprimir-se por símbolos. (JUNG, [1942/1948] 1983 § 233)

Neste sentido,

embora a “totalidade”, à primeira vista, não pareça mais que uma noção abstrata [...], contudo é uma noção empírica, antecipada na psique por símbolos espontâneos ou autônomos [...] que afloram não somente nos sonhos do homem moderno, que os ignora, como também aparecem amplamente difundidos nos monumentos históricos de muitos povos e épocas. Seu significado como símbolos da unidade e da totalidade é corroborado no plano da história e também no plano da psicologia empírica. O que parece à primeira vista uma noção abstrata é, na realidade, algo de empírico que revela espontaneamente sua existência apriorística. (JUNG, [1951] 1990 § 59).

4.1.

As metáforas do si-mesmo

Assim sendo, buscando se referendar, Jung é pródigo em tentar apontar, em diversas passagens, exemplos do simbolismo do si-mesmo. De acordo com ele, seriam os símbolos da quaternidade, as mandalas, a idéia de *anthropos* no pensamento gnóstico, os símbolos circulares ou redondos e muitos outros.

A relação dos *símbolos da quaternidade* com a totalidade, ou com o si-mesmo, sempre foi apontada, sobejamente, por Jung. Segundo ele, em **Aion**, “os símbolos quaternários que surgem espontaneamente nos sonhos indicam [...], a

totalidade ou o si-mesmo.” (idem § 203 nota 37). Mais adiante, um “[...] quarto elemento vem completar e transformar uma tríade, tornando-a totalidade.” (idem § 288).

Em outra passagem do mesmo livro, Jung afirma que “[...] o si-mesmo aparece, a priori, nos produtos do inconsciente, ou seja, nos conhecidíssimos símbolos [...] quaternários [...]” (idem § 297).

No artigo *A psicologia profunda*, no livro **Vida simbólica II**, Jung afirma que “o simbolismo associado a este arquétipo [si-mesmo] se expressa [também por] [...] imagens quaternárias (também da ‘quadratura do círculo’)” (JUNG, [1948] 2000a § 1158).

Em *Tentativa de uma interpretação psicológica da Trindade*, em **Psicologia da religião ocidental e oriental**, Jung diz que “a quaternidade é um símbolo do Si-mesmo” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 281). No mesmo livro, em *O símbolo da transformação na missa*, Jung fala em “[...] uma totalidade dividida em quatro partes, símbolo clássico do si-mesmo” (JUNG, [1942/1954] 1983 § 430).

Na obra **Psicologia e alquimia**, em relação aos símbolos do si-mesmo, Jung diz que “desde o início [o que] mais [o] [...] impressionou foi o fenômeno da quaternidade” (JUNG, [1944] 1991b § 327).

Também em carta a *Stephen Abrams*, datada em 21/10/1957, ressalta “as qualidades aritméticas do arquétipo fundamental do si-mesmo [...] e suas variantes histórica e empiricamente bem documentadas do arquétipo do quatro.” (JUNG, [1956-1961] 2003 p.117)

Quanto ao *simbolismo da mandala*⁵⁸ relacionado ao si-mesmo, Jung afirma, em **Aion**, que “o si-mesmo é percebido como uma união nupcial de duas metades antagônicas e representado como uma totalidade composta, nas mandalas que se manifestam espontaneamente” (JUNG, [1951] 1990 § 117). Neste mesmo livro, mais adiante, o autor diz que “o si-mesmo manifesta-se espontaneamente sob a forma de símbolos específicos: como totalidade, ele emerge (como é fácil de provar) antes de tudo sob a forma de mandalas e suas inúmeras variantes” (idem § 426).

⁵⁸Podemos observar traduções de textos de Jung vertidas para o português pela editora Vozes, a palavra *mandala* sendo referida algumas vezes como um substantivo masculino – exemplarmente (JUNG, [1951] 1990 §§ 59, 117). Optamos por nos referir a este termo como um substantivo feminino, por ser o que mais encontramos nos textos de Jung desta mesma editora. Cumpre dizer que, no **Dicionário Houaiss da língua Portuguesa**, o verbete *mandala* é apresentado como feminino (HOUAISS, 2001, p. 1830).

No texto *A psicologia profunda*, em **Vida simbólica II**, Jung assevera que “o simbolismo associado a este arquétipo [si-mesmo] se expressa [...] [também pelo] chamado simbolismo das mandalas” (JUNG, [1948] 2000a § 1158).

Neste mesmo livro, no *Prefácio ao livro de Allenby: “A Psychological Study of the Origins of Monotheism”*, Jung afirma que “pode-se demonstrar empiricamente, a partir da história dos símbolos e dos casos de pacientes, que existe realmente tal ‘imagem de deus’, uma imagem que chamei de *símbolo do si-mesmo*. Neste sentido entram em consideração na maioria das vezes os chamados símbolos das mandalas” (JUNG, [1950] 2000a § 1495).

No texto *Sobre a ressurreição*, também em **Vida simbólica II**, Jung diz que “o si-mesmo como arquétipo representa uma totalidade numinosa que pode ser expressa apenas em símbolos (p.ex., mandala [...])” (JUNG, [1954] 2000a § 1567).

Em carta à psicóloga analítica *Elined Kotschnig*, de 23/07/1934, Jung analisa um quadro falando, entre outras coisas, de uma rosa central da tela, “isto é, a mandala, símbolo do si-mesmo” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 183). Também em carta ao *Father Victor White* de 31/12/1949, Jung se diz “profundamente convencido da unidade do si-mesmo, como fica demonstrado no simbolismo da mandala” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 147).

Em **Aion**, Jung estabelece relação entre a “idéia do *ánthropos*⁵⁹ [sic]” *gnóstico* e o que denominou si-mesmo (JUNG, [1951] 1990 §296). Também no texto *A psicologia profunda*, em **Vida simbólica II**, Jung afirma que “o simbolismo associado a este arquétipo [si-mesmo] se expressa [...] [também] através da imagem da personalidade sobreposta (simbolismo do *anthropos*)” (JUNG, [1948] 2000a §1158).

Quanto aos *símbolos circulares e redondos*, Jung afirma, em **Aion**, que “o si-mesmo aparece [...] nos conhecidíssimos símbolos circulares” (JUNG, [1951] 1990 § 297). No texto *A psicologia profunda*, em **Vida simbólica II**, Jung assevera que “o simbolismo associado a este arquétipo [si-mesmo] se expressa, por um lado, através de formas circulares ou esféricas” (JUNG, [1948] 2000a § 1158).

⁵⁹Itálico nosso

Em carta a uma *Destinatária não identificada*, de 26/06/1956, Jung fala sobre um sonho da Dra. N., em que uma bola que assumiu uma “forma perfeita” seria “um símbolo do si-mesmo” (JUNG, [1956-1961] 2003, p.32).

No *Sonho 11*, da seqüência de sonhos analisada em **Psicologia e alquimia**, Jung associa o “tema do ‘redondo’ [a] [...] um símbolo da totalidade, ou seja, do Si-mesmo” (JUNG, [1944] 1991b § 150). Na mesma seqüência, no *Sonho 48*, Jung diz que o objeto “torno, por ser redondo, alude ao Si-mesmo” (idem § 281).

Também no artigo chamado *A psicologia profunda*, Jung afirma que “o simbolismo associado a este arquétipo [si-mesmo] se expressa, [...] através de formas circulares ou esféricas” (JUNG, [1948] 2000a §1158).

Em outra passagem de **Aion**, Jung assevera, numa conjunção de imagens simbólicas, que

a imagem primordial da quaternidade se unifica, entre os gnósticos, na figura do Demiurgo ou do Ánthropos [sic].[...] A imagem da ‘anima mundi’ ou do homem primordial latente na escuridão da matéria expressa a existência de um centro que transcende a consciência e que concebemos como um símbolo da totalidade, por causa de sua quaternidade e rotundidade. Assim procedendo, não podemos admitir senão com cautela que se trata de uma totalidade psíquica (como, por exemplo, consciente + inconsciente), embora a história do símbolo nos mostre que ele sempre foi utilizado como imagem de Deus (JUNG, [1951] 1990 § 308).

Ao longo dos textos de Jung, o que se pode depreender é que, além das formas aparentemente comuns e apontadas até então, o si-mesmo se apresenta de maneira tão diversificada que parece ser difícil estabelecer onde *não* estaria representado.

Poderia ser o *Lapis philosophorum* dos alquimistas (JUNG, [1951] 1990 § 418), a árvore (JUNG, 2000b § 582) (JUNG, [1954] 2000a §1567), a cidade (JUNG, [1935] 1998 § 269), o sol (JUNG, [1944] 1991b § 108), a rosa (JUNG, [1906-1945] 1999a, p.183), o peixe (idem, p. 290), o faraó (idem, p. 270), a águia (JUNG, [1944] 1991b § 305), o arco-íris e a *rebis* alquímica (idem).

Diante desta multiplicidade, em **Aion**, Jung afirma que “o si-mesmo surge em todas as formas, das mais elevadas às mais ínfimas, uma vez que tais formas ultrapassam as fronteiras da personalidade do eu, à maneira de um ‘daimon’”. E, mais adiante, Jung aponta diversas outras

figuras mais freqüentes nos sonhos modernos [...] as do elefante, do cavalo, do touro, do urso, do pássaro branco e preto, do peixe e da serpente. [...] a tartaruga, o caracol, a aranha [...], o escaravelho [...], a flor [...], a árvore, o monte, [...] o lago, [...] [e até] em forma de falo. (JUNG, [1951] 1990 §§ 356-357).

Em **Psicologia da religião ocidental e oriental**, Jung reafirma a “série dos numerosos símbolos do Si-mesmo” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 276). Nesta passagem, refere-se

à simbólica da Alquimia, que, além da figura pessoal, estabeleceu também outras formas não-humanas, *geométricas*, tais como a esfera, o círculo, o quadrado, o octógono, ou *físico-químicas*, como a pedra, o rubi, o diamante, o mercúrio, o ouro, a água, o fogo, o espírito, (o *spiritus* entendido como substância volátil). Encontramos esta coletânea de símbolos, mais ou menos em concordância nos produtos modernos do inconsciente. Deste contexto faz parte igualmente a circunstância de que existem numerosos símbolos teriomórficos de natureza espiritual, entre os quais figuram o *Cordeiro* (Cristo), a *pomba* (Espírito Santo), a *serpente* (Satanás), além de outros, no âmbito cristão. Como símbolo do *Nous* e do *Agathodaemon* dos gnósticos, a serpente toma um significado pneumático (O Diabo também é espírito). Acha-se aí expresso o caráter não humano do Si-mesmo ou da totalidade [...] (idem)

4.2.

O si-mesmo e a divindade

De acordo com Jung, também as representações da divindade são um receptáculo privilegiado para a projeção e representação do si-mesmo (JUNG, [1951] 1990 § 305), e, em **Aion**, Jung traça, em diversas passagens, esta linha de raciocínio.

Segundo ele, as figuras de Cristo (encarnação de Deus) e do Anticristo são representações da totalidade do si-mesmo. Sendo que o segundo representaria a sombra desta totalidade. (idem §§ 76 e 77).

Em outro momento de **Aion**, afirma que, “do mesmo modo que o peixe significa mais ou menos o Cristo, assim também o si-mesmo significa a divindade.” (idem § 286). Mais adiante, diz que “o que se pode é constatar que o simbolismo da totalidade psíquica coincide com a imagem divina, embora não possa demonstrar que uma imagem divina é o próprio Deus ou que o si-mesmo substitui Deus” (idem § 308). Em outra passagem, os símbolos do si-mesmo “acham-se historicamente testemunhados como imagens divinas.” (idem § 426).

No texto *Jung e a fé religiosa*, de **Vida simbólica II**, ele afirma que “os símbolos do si-mesmo coincidem com os da divindade. O si-mesmo não é o eu,

ele simboliza a totalidade do homem, e este obviamente não é completo sem Deus.” (JUNG, [1956/1957] 2000a § 1624)

Todavia, para Jung, em **Aion**, “na prática é impossível distinguir entre os símbolos espontâneos do si-mesmo (da totalidade) e uma imagem divina” (JUNG, [1951] 1990 § 73) ou a “‘imago dei’ [imagem de Deus]” (idem § 320), visto que, empiricamente, é impossível separar ou distinguir estas imagens (idem § 42) do si-mesmo.

A impossibilidade de distinguir imagens divinas do si-mesmo é também explicitada em distintos textos do livro **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Em *Tentativa de uma interpretação psicológica do dogma da trindade*, Jung vê “o Si-mesmo como totalidade [...] não se distinguindo de uma imagem de Deus” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 233).

Em *Resposta a Jó*, Jung se aprofunda nesta questão, afirmando que

só por meio da psique podemos constatar que a divindade age em nós; dessa forma somos incapazes de distinguir se essas atuações provêm de Deus ou do inconsciente, i.é., não podemos saber se a divindade e o inconsciente constituem duas grandezas diferentes; ambos são conceitos-limite para conteúdos transcendentais. Podemos, entretanto, observar, empiricamente com suficiente verossimilhança, que existe no inconsciente um arquétipo da totalidade, que se manifesta espontaneamente nos sonhos etc., e que existe uma tendência independente do querer consciente, cuja meta é a de pôr outros arquétipos em relação com esse centro [si-mesmo]. Por este motivo, não me parece de todo improvável que o arquétipo da totalidade possua, como tal, uma posição central que o aproxime singularmente da imagem de Deus. Esta semelhança é ainda confirmada, em particular, pelo fato de este arquétipo criar um simbolismo que sempre serviu para caracterizar e exprimir imagisticamente a divindade. Estes fatos tornam possível uma limitação do sentido de nossa afirmação, feita acima, sobre o caráter indiferenciável da imagem de Deus e do inconsciente: a imagem de Deus não coincide propriamente com o inconsciente em si, mas com um conteúdo particular deste último, i.e., com o arquétipo do si-mesmo. Este último já não podemos separar, empiricamente, da imagem de Deus. (JUNG, [1952] 1983 § 757).

Em *O Santo Hindu*, do mesmo volume, Jung afirma que “o si-mesmo [...] e Deus são termos essencialmente sinônimos” (JUNG, [1944]1983 § 956).

Em carta a *Hélène Kiener*, datada em 15/06/1955, Jung toma a mesma direção ao afirmar que o “‘si-mesmo’ é algo que podemos verificar psicologicamente. Nós experimentamos ‘símbolos do si-mesmo’, que não se deixam distinguir dos ‘símbolos de Deus’. Não posso provar que o si-mesmo e Deus sejam idênticos, mesmo que na prática pareçam idênticos” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 432).

De acordo com Jung restaria, então, à Psicologia “apenas [o fato de] constatar esta impossibilidade, e nada mais. É digno de nota [ressalta Jung] que a constatação ‘metafísica’ ultrapassa muito a constatação psicológica” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 289).

Para Jung, de acordo com carta enviada ao *Father Victor White* em 05/10/1945, Deus

é um símbolo do si-mesmo, um fenômeno psicológico bem definido, que alguém poderia chamar de Deus, mas o cientista não pode provar ser Deus. Como cientista [diz Jung] devo guardar distância dos dogmáticos ou metafísicos [...] O cientista [...] pode apenas tentar o melhor em seu campo delimitado (JUNG, [1906-1945] 1999a, p.389),

já que “a imagem de Deus se acha imediatamente ligada ou identificada ao si-mesmo, e tudo o que acontece com a primeira repercute inevitavelmente no último” (JUNG, [1951] 1990 § 170)

Como já apontado e ainda nas palavras de Jung,

nunca podemos discernir empiricamente em que consiste um símbolo do Si-mesmo, nem o que é uma imagem de Deus, estas duas idéias aparecem sempre misturadas, apesar das tentativas no sentido de diferenciá-las [...]. Psicologicamente, a esfera do “divino” começa imediatamente do outro lado da consciência, onde o homem se acha entregue ao risco da instância natural. Ele designa os símbolos da totalidade que daí provém [sic] com diversos nomes, conforme épocas e lugares.” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 231)

Em outra passagem, Jung assevera que

a unidade e a totalidade se situam a [sic] um nível superior na escala dos valores objetivos, uma vez que não podemos distinguir os seus símbolos da *imago dei* (imagem de Deus). Tudo o que se diz sobre a imagem de Deus pode ser aplicado sem nenhuma dificuldade aos símbolos da totalidade (JUNG, [1951] 1990 § 60)

Jung sempre busca enfatizar que se refere à *imago dei*, e não a Deus (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 93). Segundo ele, em outra passagem,

a psicologia [...] não está em condições de fazer afirmações metafísicas. O que pode é constatar que o simbolismo da totalidade psíquica coincide com a imagem divina, embora não possa demonstrar que uma imagem divina é o próprio Deus ou que o si-mesmo substitui Deus. (JUNG, [1951] 1990 § 308)

Além desta diferenciação, Jung afirma, numa carta ao *senhor H. Irminger*, datada de 22/09/1944, que o “‘si-mesmo’ nunca está no lugar de Deus, mas é talvez um recipiente para a graça divina” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 354).

Jung também se dedica, especialmente, aos símbolos de Cristo, relacionando-os ao si-mesmo (JUNG, [1951] 1990 § 70). Já no prólogo de *Aion*, Jung afirma que irá “tratar da relação entre a figura tradicional de Cristo e os símbolos naturais da totalidade, isto é, do si-mesmo” (idem, p. IX). Neste mesmo livro, no texto *Cristo, símbolo do si-mesmo*, Jung diz que “Cristo é para nós a analogia mais próxima do si-mesmo e de seu significado” (idem § 79).

Mais adiante, enfatiza: “não há dúvida de que no universo das concepções cristãs Cristo representa o si-mesmo” (idem § 115). Diz também que

o paralelo [...] entre Cristo e o si-mesmo não é senão um tema psicológico [...] para a Psicologia moderna, uma interrogação [...]: é o si-mesmo um símbolo de Cristo, ou Cristo é um símbolo do si-mesmo? No presente estudo [Cristo, símbolo do si-mesmo], respondi afirmativamente à última parte da questão. Procurei mostrar como a imagem tradicional de Cristo engloba as características de um arquétipo, que, no caso, são idênticas às do si-mesmo. (idem §§ 122-123).

Cristo “corresponde como ‘Ánthropos’[sic]” [...] [ao] si-mesmo” (idem § 318). Em **Vida simbólica II**, no texto *Sobre a ressurreição*, Jung afirma que “[...] a história da ressurreição representa a projeção de um conhecimento indireto do si-mesmo que apareceu na figura de um certo homem, Jesus de Nazaré [...]” (JUNG, [1954] 2000a § 1568).

Ainda em **Vida simbólica II**, no texto *Jung e a fé religiosa*, o autor afirma que “o si-mesmo ou Cristo está presente em cada um de nós a priori [...] O si-mesmo (ou Cristo) não pode tornar-se real e consciente sem o retraimento das projeções externas.” (idem § 1638)⁶⁰.

Em **Psicologia e alquimia** diz que “o ‘símbolo de Cristo’ é da maior importância para a psicologia, porquanto constitui [...] talvez o símbolo mais desenvolvido e diferenciado do Si-mesmo” (JUNG, [1944] 1991b § 22) no ocidente. No oriente, Jung aponta, em carta ao *Monsieur le Pasteur Willian Lachat*, de 29/06/1955, a imagem de Buda ou do Tao, mesmo este último não sendo “nenhuma personificação, mas uma hipótese metafísica”. (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 434).

⁶⁰Em muitas passagens Jung relaciona a figura de Cristo como um símbolo do si-mesmo. Apenas a título de ilustração, sugerimos não só trechos de sua obra (JUNG, [1954] 1983 § 414), (JUNG, [1950] 2000b § 661), (JUNG, [1944] 1991b § 452) (JUNG, [1951] 1990 §§ 115-117), como também de suas cartas (JUNG, [1946-1955] 2002, pp.111, 189, 190, 241, 259, 285, 300, 305, 434).

Ciente de trilhar um caminho delicado e passível de críticas, Jung tenta ser, sempre que possível, cauteloso ao se posicionar a respeito do ponto de vista a que se refere, ao afirmar que,

quando a teologia faz afirmações metafísicas, a consciência do cientista não pode endossá-las. Uma vez que Cristo nunca significou mais para mim do que eu podia entender dele, e uma vez que esta compreensão coincide com meu conhecimento empírico do si-mesmo, devo admitir que penso no si-mesmo quando me ocupo com a idéia de Cristo. Além do mais, não tenho outro acesso a Cristo a não ser pelo si-mesmo, e uma vez que não conheço nada além do si-mesmo, agarro-me a este arquétipo. Digo a mim mesmo: “aqui está o arquétipo vivo e palpável que foi projetado em Cristo, ou que nele se manifestou historicamente”. (JUNG, [1956/1957] 2000a § 1669)

Todavia, Jung aponta, em *Aion*, que falta à imagem de Cristo, e conseqüentemente também à representação da divindade cristã, “o lado noturno da natureza psíquica [...] sem o qual não existe a totalidade” (JUNG, [1951] 1990 §76). Continua no mesmo texto, afirmando que Cristo “corresponde apenas a uma das metades do arquétipo em consideração [si-mesmo]. A outra metade se manifesta no anticristo. Este último ilustra igualmente o si-mesmo, mas é constituído pelo seu aspecto tenebroso” (idem § 79).

Segundo o autor, a percepção deste aspecto sombrio seria fundamental para que se possa representar a totalidade projetada do si-mesmo, pois, sem “o lado noturno da natureza psíquica”, não existiria “a totalidade” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 232).

Jung aponta, conforme carta ao *Pastor W. Niederer*, datada em 01/10/1953, que “a afirmação do éon cristão não corresponde em todos os pontos ao empirismo psicológico, [como] por exemplo em relação a Deus como *Summum bonum* ou a Cristo como figura de luz pneumática e unilateral” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 301).

Em correspondência ao *Father Victor White*, datada em 24/11/1953, ele pede enfaticamente:

Esqueça por um instante a dogmática e ouça o que a psicologia tem a dizer [...]: *Cristo como símbolo está longe de ser inválido*, ainda que ele seja um lado do si-mesmo e o demônio seja outro. [...] O *adventus diaboli* não invalida o símbolo cristão do si-mesmo; ao contrário, ele o complementa. (idem, p. 304-306)⁶¹

⁶¹Em outra correspondência ao *Father Victor White*, de 10/04/1954, Jung retoma e aprofunda esta discussão (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 334).

Evidentemente, estas colocações sobre o si-mesmo são contundentes e suas implicações atingem grandes extensões, pois, de acordo com esta perspectiva junguiana, a *imago dei* cristã se mostraria como uma representação incompleta da totalidade do si-mesmo. Ou seja, faltaria a essa imagem não só uma face sombria, como também material e feminina.

Mais que isso, através da *imago dei* cristã, estaríamos nos relacionando de forma incompleta com o si-mesmo. Esta relação incompleta afetaria o processo de crescimento psicológico – que Jung chamou de individuação – e nos deixaria simbolicamente divididos entre as imagens de Deus e o Diabo e, conseqüentemente, dentro de nós mesmos.⁶²

4.3.

A dinâmica das relações

O que observaremos adiante, na obra de C. G. Jung, são as muitas possibilidades de aplicação e tentativas de maior precisão para o termo si-mesmo. Tentaremos elencar algumas delas a seguir.

Do mesmo modo que pode existir o conflito entre o *eu* e as regras e leis sociais, existiriam também conflitos entre o *eu* e o que poderíamos chamar de *princípios morais internos* – uma das representações do si-mesmo.

De acordo com Jung, este segundo tipo de conflito estaria relacionado ao si-mesmo e resultaria num sentimento de inferioridade, cuja natureza estaria relacionada a “*uma omissão que geraria um ressentimento moral*” (JUNG, [1928] 1978 § 218).

Para Jung, este

sentimento de inferioridade moral não provém de uma colisão com a lei moral geralmente aceita e de certo modo arbitrária, mas de um conflito com o próprio si-mesmo (*Selbst*) que, por razões de equilíbrio psíquico, exige que o deficit [sic] seja compensado. Sempre que se manifesta um sentimento de inferioridade moral, aparece a necessidade de assimilar uma parte inconsciente e também a possibilidade de fazê-lo. Afinal são as qualidades morais de um ser humano que o obrigam a assimilar seu *si-mesmo* inconsciente, mantendo-se consciente, quer

⁶²Trabalhamos mais profundamente estas questões num artigo intitulado *A questão do mal: uma abordagem psicológica junguiana*. (BONFATTI, 2000b)

pelo reconhecimento da necessidade de fazê-lo, quer indiretamente, através de uma penosa neurose. Quem progredir no caminho da realização do *si-mesmo* inconsciente trará inevitavelmente à consciência conteúdos do inconsciente pessoal, ampliando o âmbito de sua personalidade. Poderia acrescentar que esta “ampliação” se refere, em primeiro lugar à consciência moral, ao autoconhecimento. (idem)

O que se pode depreender é que a qualidade da relação do *eu* com o *si-mesmo* é quase sempre uma espécie de sujeição. Qualquer tentativa de negar este tipo de relação levará o *eu* ao sofrimento moral descrito acima. Infere-se que esta submissão está ligada ao fato de o *eu* se originar do *si-mesmo*, o que nos remete a uma relação de ordem de grandeza psíquica desproporcional, em que o *eu* está sempre à mercê do *si-mesmo*.

Nas palavras de Jung, “as disposições que emanam do *si-mesmo* são bastante amplas e, por isso mesmo, superiores ao *eu*. Da mesma forma que o inconsciente, o *si-mesmo* é o existente a priori do qual provém o *eu*. É ele que, por assim dizer, predetermina o *eu*.” (JUNG, [1942/1954] 1983 § 391)

De acordo com Jung, esta “lei moral” individual está ligada à individuação, ao contrário de uma lei moral externa. Neste sentido, Jung, em seu texto *O símbolo da transformação na missa* (mesmo sendo escrito em 1942 e revisto em 1954), se vale da concepção de *superego* de Freud.

Para este autor, em seu texto *Atos obsessivos e práticas religiosas*, volume IX da ESB (FREUD, [1907] 1976e), o *superego* age como um juiz ou censor sobre o *eu*. Nele, são depositados códigos morais, referenciais de conduta e elaborações que atuam como inibidores da personalidade. Agindo conscientemente, o *superego* atua para restringir, proibir ou julgar. Inconscientemente, de forma indireta, atua nas compulsões e proibições.

Jung diz que “o *si-mesmo* não se identifica com uma moral coletiva, nem com instintos naturais, mas deve ser concebido como uma disposição individual *sui generis*. O *superego* é um sucedâneo necessário e inevitável da experiência do *si-mesmo*.” (JUNG, [1942/1954] 1983 § 394)

Todavia, enquanto o *si-mesmo* estiver sendo vivenciado inconscientemente, corresponderá

ao *superego* de Freud e [constituirá] uma fonte de constantes conflitos morais. Logo porém que é retirado das projeções, isto é, logo que deixa de ser a opinião de outrem, então tomamos consciência de que somos o nosso próprio sim e o nosso próprio não. O *si-mesmo* passa a atuar como uma *unio oppositorum*,

constituindo assim a experiência mais próxima do divino que se possa exprimir em termos de psicologia. (idem § 396)

Quanto ao aspecto *relacional com o eu*, o si-mesmo é uma grandeza que o inclui (JUNG, [1951] 1990 § 1), é superior, pré-existente e o predetermina (JUNG, [1942/1954]1983 § 391). Apesar de ser o si-mesmo “uma grandeza transcendental com a qual defronta o eu” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 284), ele necessita do si-mesmo, da mesma forma este precisa do *eu*. Conforme carta enviada a Aniella Jaffé, datada em 22/12/1942, “o essencial acontece no si-mesmo, e o eu funciona como receptor, espectador, transmissor [...]” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 331).

Mais que isso, mesmo que o si-mesmo seja um “fator [...] pré-existente no inconsciente coletivo, [...] [ele é] impotente até que o eu o experimente conscientemente”, diz Jung em carta ao Dr. Kurt Plachte em 10/01/1929 (idem, p. 77).

Também neste sentido, no texto *O Santo Hindu* do livro **Psicologia da religião ocidental e oriental**, Jung afirma que “o caráter finalístico *a priori* do si-mesmo e a tendência a realizar esta finalidade existem, como já foi dito, mesmo sem a participação da consciência. Eles não podem ser negados, mas também não é possível passar sem a consciência do eu.” (JUNG, [1944]1983 § 960)

De acordo com Jung, em outra carta à Aniela Jaffé, de 03/09/1943, “o si-mesmo em sua divindade (isto é, o arquétipo) está inconsciente de si mesmo. Ele só pode tornar-se consciente dentro da nossa consciência. E só pode consegui-lo se o eu permanecer firme.” (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 341)

Este processo relacional, necessário para ambos, é extremamente perigoso pela possibilidade de haver uma “identificação da consciência do eu com o si-mesmo. Isso produz uma inflação que ameaça dissolver a consciência.” (JUNG, [1940/1950] 2000b § 254). Uma “presunção [que] só pode ser sufocada por uma derrota moral” (JUNG, [1951] 1990 §47).

Segundo Jung, “a *assimilação do eu pelo si-mesmo* deve ser considerada como uma catástrofe psíquica [...] [em que] o eu cai sob o controle [...] [do] inconsciente” (idem § 45), de forma patológica, numa identificação inflacionada ou dissolução no inconsciente. Por outro lado, outro aspecto trágico seria o fato de o si-mesmo não ter *quem* o pudesse reconhecer.

Em **Psicologia e alquimia**, Jung afirma que

uma consciência inflacionada é sempre egocêntrica e só tem consciência de sua própria presença. [...] ela hipnotiza a si mesma e portanto [...] está exposta a calamidades que até podem ser fatais. Paradoxalmente, a inflação é um tornar-se inconsciente da consciência. Isto ocorre quando a consciência se atribui conteúdos do inconsciente, perdendo o poder de discriminação, condição *sine qua non* de toda consciência. (JUNG, [1944] 1991b § 563)

Estabelece-se, assim, uma delicada relação em que o *eu*, que é originário do si-mesmo, precisa se diferenciar para se relacionar com o próprio si-mesmo. Todavia, nesta mesma diferenciação, o *eu* não deve incorrer numa *hybris* que resultaria numa reação compensatória negativa do si-mesmo, em que aquele sairia em desvantagem. Por outro lado, esta diferenciação teria também o objetivo de retirar o si-mesmo de sua própria inconsciência⁶³. Neste processo dialético funda-se o processo de individuação, “conceito central da psicologia analítica” (PIERI, [1998] 2002, p. 255).

Outra possibilidade apontada por Jung é de o si-mesmo ser a *realidade objetiva*. Ele denomina de si-mesmo a “personalidade global”, dizendo que ela existe de fato, “mas que não pode ser captada em sua totalidade” (JUNG, [1951] 1990 § 9)

De acordo ainda com Jung,

o eu está subordinado ao si-mesmo e está para ele, assim como qualquer parte está para o todo. O eu possui o *livre-arbítrio* [...] mas dentro dos limites do campo da consciência [...] [com um] sentimento subjetivo de liberdade. Da mesma forma que nosso livre-arbítrio se choca com a presença inelutável do mundo exterior, assim também os seus limites se situam no mundo subjetivo interior, muito além do âmbito da consciência, ou lá onde entra em conflito com os fatos do si-mesmo. Do mesmo modo que as circunstâncias exteriores acontecem e nos limitam, assim também o si-mesmo se comporta, em confronto com o eu, como uma *realidade objetiva* na qual a liberdade de nossa vontade é incapaz de mudar o que quer que seja. É inclusive notório que o eu não é somente incapaz de qualquer coisa contra o si-mesmo, como também é assimilado e modificado, eventualmente, em grande proporção, pelas parcelas inconscientes da personalidade. (idem)

⁶³Jung, em *Resposta a Jó*, enfatiza o problema da inconsciência de Javé, uma representação da divindade, portanto, do si-mesmo, que necessita do humano, Jó, para poder se reconhecer. (JUNG, [1952]1983 § 659). Em **Memórias, sonhos e reflexões**, Jung afirma que, “Se o Criador [si-mesmo] fosse consciente de si mesmo, não teria necessidade das criaturas conscientes” (JUNG, [1961] 1996 p.293)

O si-mesmo, por outro lado, se apresenta também como *manifestação subjetiva*. Segundo Jung, o si-mesmo como

pólo oposto, ou o absolutamente “Outro” do mundo, é a *conditio sine qua non* do conhecimento do mundo e da consciência de sujeito e objeto. É a alteridade psíquica que possibilita verdadeiramente a consciência. A identidade não possibilita a consciência. Somente a separação, o desligamento e o confronto doloroso, através da oposição, pode gerar consciência e conhecimento. (JUNG, [1943/1948] 2000b, § 289)

E prossegue:

A introspecção indiana reconheceu muito cedo este fato psicológico e por isso pôs em pé de igualdade o sujeito da cognição e o sujeito da existência em geral. De acordo com a atitude predominantemente introvertida do pensamento indiano, o objeto perdeu até mesmo o atributo de realidade absoluta, tornando-se freqüentemente mera ilusão. A mentalidade greco-ocidental não podia livrar-se da convicção da existência absoluta do mundo. Isto acontecia no entanto às custas do significado cósmico do si-mesmo. (idem)

Jung termina dizendo que

Hoje é difícil ainda para o homem ocidental reconhecer a necessidade psicológica de um sujeito transcendente do conhecer, como um pólo oposto do universo empírico, embora o postulado da existência de um si-mesmo em confronto com o mundo, pelo menos como um *ponto refletor*, seja logicamente indispensável. Independentemente da atitude de rejeição ou de aprovação condicional da respectiva filosofia, há uma tendência compensatória em nossa psique inconsciente para produzir um símbolo do si-mesmo em seu significado cósmico. (idem)

O si-mesmo também se apresenta como algo que contém *qualidades e elementos complexos*. Por isso, e mais que isso, como já foi visto, apresenta-se como uma estrutura psíquica que constitui ou abrange um todo.

O si-mesmo é uma estrutura psíquica total (JUNG, [1951] 1990 § 305). De acordo com Jung, “psicologicamente o Si-mesmo foi definido como a totalidade psíquica do homem. Tudo aquilo que o homem supõe constituir, de per si, uma totalidade mais ampla, pode tornar-se símbolo do *Si-mesmo*.” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 232)

O si-mesmo é atemporal e, de acordo com Jung, “como imagem coletiva, ele vai além do indivíduo no espaço e no tempo, e por isso não está sujeito à corruptibilidade de *um* corpo: [sua] compreensão [...] está quase sempre ligada ao sentimento de intemporalidade, ‘eternidade’ ou imortalidade” (JUNG, [1954] 2000a §1567).

O si-mesmo é uma meta (JUNG, 2000b § 278)⁶⁴ e, ao mesmo tempo, uma origem. De acordo com Jung, em carta ao *Prof. Arvind U. Vasavada*, em 22/11/1954, “ainda que o si-mesmo seja a minha origem, ele é também a meta de minha busca. Quando ele foi minha origem, eu não conhecia a mim mesmo; e quando aprendi a conhecer a mim mesmo, nada soube do si-mesmo.” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 365)

Além de ser uma meta e uma origem, o si-mesmo possui uma finalidade. Pois, “qualquer que seja o significado da totalidade, do si-mesmo do homem, trata-se empiricamente de uma imagem da finalidade da vida, produzida espontaneamente pelo inconsciente, para além dos desejos e teores da consciência.” (JUNG, [1952] 1983 §745).

Reforçando mais ainda esta perspectiva, em outra passagem Jung afirma que “o caráter finalístico *a priori* do si-mesmo e a tendência a realizar esta finalidade existem, como já foi dito, mesmo sem a participação da consciência.” (JUNG, 1983 [1944] § 960)

Por ser pré-existente “desde todo o sempre” (JUNG, [1944] 1991b § 105 nota 37), as “disposições que emanam do si-mesmo são bastante amplas e, por isso mesmo, superiores ao eu. Da mesma forma que o inconsciente, o si-mesmo é o existente *a priori* do qual provém o eu. É ele que, por assim dizer, predetermina o eu.” (JUNG, [1942/1954] 1983 § 391)

Esta mesma linha de raciocínio pode ser observada na carta ao *Dr. Kurt Plachte*, datada em 10/01/1929; Jung afirma, num trecho sobre

o símbolo [que este] precisa da pessoa para existir. Mas ele a supera, por isso é chamado “Deus”, porque exprime um dado ou fator que é mais forte do que o *eu* (eu o chamo de si-mesmo). Este fator é preexistente no inconsciente coletivo, mas impotente até que o eu o experimente conscientemente; então arrebatada para si o comando. (JUNG, [1906-1945] 1999a, p. 77)

Outro aspecto associado ao si-mesmo é sua relação com o *inconsciente coletivo*. Jung coloca o si-mesmo também como pré-existente, em carta de 10/01/1929 ao *Dr. Kurt Plachte* (JUNG, [1906-1945] 1999a p.77), e no centro do inconsciente coletivo (JUNG, [1944] 1991b § 265). Por outro lado, os “conteúdos coletivos inconscientes [...] constituem *parte do si-mesmo*” (JUNG, [1951] 1990 §43).

⁶⁴A este respeito ver também (JUNG, 2000b § 403 nota 17)

Num ponto mais delicado, Jung afirma que “*o si-mesmo que me inclui, inclui também muitos outros*: isto porque o inconsciente ‘conceptum in animo nostro’ não me pertence, não é minha peculiaridade, mas está em toda a parte. Paradoxalmente, é a quintessência do indivíduo e ao mesmo tempo um coletivo.” (JUNG, [1942] 2003b § 226)

O si-mesmo pode ser visto também como resultante do *embate entre o mundo interno e o externo*. De acordo com Jung, o si-mesmo

pode ser caracterizado como uma espécie de compensação do conflito entre o interior e o exterior. Esta formulação não seria má, dado que o *si-mesmo* tem o caráter de algo que é um resultado, uma finalidade atingida pouco a pouco e através de muitos esforços. Assim, pois, representa a meta da vida, sendo a expressão plena dessa combinação do destino a que damos o nome de indivíduo: não só do indivíduo singular, mas de um grupo, em que um completa o outro, perfazendo a imagem plena. (JUNG, [1928] 1978 § 404)

O si-mesmo possuiria também o aspecto de ser *o centro*. Sugere ser um *único centro*, mas se apresenta como centro da personalidade, do inconsciente coletivo (JUNG, [1944] 1991b § 265) e da totalidade (JUNG, [1938/1940] 1983 § 156).

Mesmo que Jung afirme que não saiba “algo a respeito da natureza do ‘centro’ [por ele ser] incognoscível” e só poder “ser expresso simbolicamente através de sua fenomenologia” (JUNG, [1944] 1991b § 327), ele assevera que o si-mesmo é “da maior importância [...], um arquétipo supostamente central [...] que parece ser o ponto de referência para a psique inconsciente assim como o eu é o ponto de referência para a consciência” (JUNG, [1948] 2000a § 1158).

Assumindo o si-mesmo este lugar de arquétipo central, ele é, na verdade (segundo uma carta enviada a *Hélène Kiener*, em 13/08/1949), uma “imagem para tornar de alguma forma concebíveis certas relações irrepresentáveis” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 140).

De representação complexa, “o Si-mesmo é por definição o centro e a circunferência dos sistemas conscientes e inconscientes.” (JUNG, [1944] 1991b § 310), diz Jung em **Psicologia e alquimia**. Além disso, deve ser também

compreendido como a totalidade da esfera psíquica. [Ao mesmo tempo o] Si-mesmo não é apenas o ponto central, mas também a circunferência que engloba tanto a consciência como o inconsciente. Ele é o centro dessa totalidade, do mesmo modo que o eu é o centro da consciência. (idem § 44)

Também em **Psicologia e alquimia**, Jung afirma que

a totalidade compreende o ego e o não-ego. O centro do círculo, enquanto expressão de uma totalidade, não coincidiria pois com o eu, mas sim com o Si-mesmo, enquanto síntese da personalidade total. (O centro marcado no círculo é uma alegoria bastante conhecida da natureza de Deus) (idem § 137)

Assim sendo, como já apontado, esta esfera psíquica do si-mesmo, enquanto totalidade, abarca todas as instâncias psíquicas plausíveis. Estão contidos nela a consciência, cujo centro é o *eu*; o inconsciente pessoal, com seus complexos afetivos; o inconsciente coletivo, com os arquétipos.

Configurando-se, também, como um centro *virtual* desta esfera psíquica, o si-mesmo assume o papel do arquétipo central da psique. Esta concepção de que o si-mesmo é o centro de uma totalidade e ao mesmo tempo a própria totalidade remete-nos a uma onipresença, que permeia e engendra todos os movimentos dentro do aparelho psíquico junguiano. Desse modo, não só, mas também o *eu* estaria sujeito inexoravelmente ao si-mesmo.

Com o curso do processo de crescimento psíquico (individação), este centro da personalidade deixa de ser percebido como o *eu* e passa a ser percebido como o si-mesmo (JUNG, [1940] 2000b § 304). De acordo ainda com Jung, desta forma, este centro é um devir pré-existente da totalidade psíquica, em que “o si-mesmo sempre foi nosso centro mais íntimo” (JUNG, [1956/1957] 2000a § 1669) e, mais que isso, “o verdadeiro centro” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 112).

Neste sentido, Jung afirma que, no decurso do processo de individuação, uma “‘nova’ consciência do eu é removida de sua posição central [...] e em seu lugar entra, ou melhor, é considerada central a *totalidade*, isto é, o *si-mesmo*. Este esteve *desde sempre*⁶⁵ no centro e sempre desempenhou o papel de dirigente secreto.” (JUNG, [1949] 2000a § 1419)

Nesta mesma linha de raciocínio, Jung afirma que o “si-mesmo é o ponto centralizador da verdadeira personalidade⁶⁶. Ele foi desde os tempos mais antigos o objetivo de todo método de desenvolvimento baseado no princípio do autoconhecimento.” (idem § 1817)

Numa tentativa de integração, de acordo com Jung, o si-mesmo seria e conteria em si a *conjunção de todos os opostos* (JUNG, [1951] 1990 § 117), formando, assim, um “*complexio oppositorum*” (idem § 423) de elementos em

⁶⁵Itálico nosso.

⁶⁶Não conseguimos depreender, dentro do contexto da obra, o que o autor quis dizer com “verdadeira personalidade”.

tensão (idem § 355). Este aspecto lhe atribuiria qualidades paradoxais (idem § 257), como, por exemplo, ser ao “mesmo tempo sujeito e objeto” (JUNG, [1942/1954]1983 § 427)

Em **Aion**, Jung afirma que “o si-mesmo [...] [exprime] a soma dos conteúdos conscientes e inconscientes, ele só pode ser descrito sob a forma de uma antinomia” (JUNG, [1951] 1990, § 115). No mesmo texto, Jung diz que, no si-mesmo, encontramos “aspectos luminosos e obscuros”, masculinos e femininos, e podemos percebê-lo “como uma união nupcial de duas metades antagônicas” (idem § 117), já que o si-mesmo possuiria uma “natureza antinômica” (idem § 225).

Ainda neste mesmo texto, Jung assevera que “o si-mesmo é uma verdadeira ‘complexio oppositorum’” (idem § 355), uma totalidade que abrange os opostos (idem § 427), e ratifica, em suas “palavras finais”, “que é necessário reconhecer que o si-mesmo constitui uma ‘complexio oppositorum’” (idem § 423)

Em **Psicologia e alquimia**, Jung também afirma que “o si-mesmo é uma união dos opostos”, um “paradoxo absoluto”, que congrega tese, antítese e síntese (JUNG, [1944] 1991b § 22). Também dentro do referencial do contexto alquímico, no texto *O simbolismo da mandala*, em **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Jung diz: “como revela a alquimia, o si-mesmo é um andrógino, constituído de um princípio masculino e um feminino” (JUNG, [1950] 2000b § 653).

Também em carta a *Armin Kesser*, de 18/06/1949, Jung assevera que, “por definição, o si-mesmo representa uma união virtual de todos os opostos.” (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 136)

Este aspecto paradoxal implicaria numa perspectiva transcendente. De acordo com Jung,

o si-mesmo psicológico é um conceito transcendente, pelo fato de exprimir a soma dos conteúdos conscientes e inconscientes, ele só pode ser descrito sob a forma de uma antinomia, isto é, [seus] atributos [...] devem ser completados por seus respectivos contrários, para que possam caracterizar devidamente o fato transcendental (JUNG, [1951] 1990 § 115)

No texto a *Psicologia da transferência*, a partir das gravuras do *Rosarium Philosophorum*, de **A prática da psicoterapia**, Jung afirma que “o velho alquimista começa a suspeitar que esse monstro de paradoxos está relacionado

com o Si-mesmo, pois ninguém pode praticar essa arte sem a ajuda de Deus e sem se conhecer a si próprio” (JUNG, [1946] 1988 § 529).

No mesmo texto, mais adiante, diz que

O Si-mesmo quer se manifestar na obra; por esta razão o opus é um processo de individuação ou de realização de Si-mesmo. O Si-mesmo, enquanto ser humano mais abrangente, que alcança o intemporal, corresponde à idéia do homem primordial, que é perfeitamente redondo e bissexual, pelo fato de representar uma integração recíproca do consciente e do inconsciente.

Do acima exposto, podemos concluir que a “perfectio operis” (perfeição da obra) conduz à idéia de um ser extremamente paradoxal, que desafia toda abordagem racional. No entanto, tal desfecho da obra é inevitável, uma vez que a “complexio oppositorum” (união dos opostos) não pode deixar de levar a uma incompreensível paradoxalidade. (idem §§ 532-533)

O si-mesmo compreenderia também a totalidade formada pelo *eu* (relacionado à consciência), o inconsciente individual e o inconsciente coletivo (JUNG, [1951] 1990 § 43). Em *Psicologia e religião*, Jung afirma que escolheu “a expressão ‘Si-mesmo’ (Selbst) para designar a totalidade do homem, a soma de seus aspectos, abarcando o consciente e o inconsciente.” (JUNG, [1938/1940]1983 § 140). Em *Aion*, diz que o si-mesmo exprime a “soma dos conteúdos conscientes e inconscientes” (JUNG, [1951] 1990 § 115), e em **Psicologia e alquimia** observa que “o ‘todo’ ou o ‘Si-mesmo’ compreende conteúdos conscientes e inconscientes” (JUNG, [1944] 1991b § 436 nota 39).

Além de abarcar as dimensões inconscientes e conscientes, o si-mesmo possuiria, também, uma dimensão tanto psíquica quanto corpórea, por abranger “os instintos, os fenômenos fisiológicos e semifisiológicos” (JUNG, [1954]1983 § 808).

4.4.

Revendo a tentativa de definição do si-mesmo

Em 1958, numa fase mais tardia e madura de sua obra, Jung escreveu “especialmente” a definição de si-mesmo para a XI parte – “Definições” – na edição daquele ano de seu livro **Tipos psicológicos** (JUNG, [1921/1958] 1991a § 902 nota 72).

Neste conciso texto, ele trata, mais uma vez, o si-mesmo como um “conceito empírico”. Um conceito empírico que

designa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global. Mas, na medida em que esta, devido à sua participação inconsciente, só pode ser consciente em parte, o conceito de si-mesmo é na verdade, potencialmente empírico em parte e, por isso, um *postulado*, na mesma proporção. Em outras palavras, engloba o experimentável e o não experimentável, respectivamente o ainda não experimentado. (idem § 902).

Ainda nesta mesma tentativa de definição de Jung, seria mais um nome que uma idéia (ibid.), “seu conceito é *transcendente*” (ibid.), pois é “uma entidade” que não pode “ser descrita” totalmente (ib.) por ter uma parte “irreconhecível e indimensionável” (ibid.).

Mais adiante, continua Jung, o “si-mesmo não seria uma idéia filosófica, já que não afirma sua própria existência, isto é, não se hipostasia. Intelectualmente significa apenas uma hipótese” (ibid.). Todavia, suas representações simbólicas possuem “significativa numinosidade” (ibid.), o que leva a crer que se trata de uma “representação arquetípica que se distingue de outras [...] por assumir uma posição central correspondente à importância de seu conteúdo e numinosidade” (ibid.).

Ao longo da construção de sua idéia de si-mesmo, Jung explicitou a dificuldade na tentativa de uma definição mais precisa. Sem hesitar, assume, de forma aparentemente tranqüila, a “obscuridade” (JUNG, [1944] 1991b § 247), a incognoscência (idem §327), seu aspecto paradoxal (JUNG, [1951] 1990 §§ 257, 341, 355), “absoluto” (JUNG, [1942/1948] 1983 § 233), seu caráter “indefinível” e “indescritível” (JUNG, [1944] 1991b § 20). Enfim, um si-mesmo que é algo que não devemos nem tentar compreender (JUNG, [1946-1955] 2002, p. 350).

Em face destes aspectos, de difíceis articulações dentro de uma dinâmica racional, Jung procurou sustentar e ratificar sua idéia de si-mesmo como algo empírico em diversos momentos de sua obra⁶⁷.

Todavia, este derradeiro *limite epistemológico* traçado por Jung ao longo de seus textos parece ser afetado, quando o mesmo afirma, neste momento de sua

⁶⁷Pontuamos ao longo de nosso texto diversos excertos em que Jung lida com a idéia de si-mesmo como algo empírico. Exemplarmente, retomamos aqui alguns deles: (JUNG, [1952] 2000a § 1511), (JUNG, [1951] 1990 § 59), (JUNG, [1952] 2000a § 1511), (JUNG, [1951] 1990 §59) e (JUNG, [1921] 1991a §902).

definição mais tardia – conseqüentemente, num momento teórico mais amadurecido –, que, “na verdade”, seria um conceito “empírico em parte” (JUNG, [1921/1958] 1991a § 902).

Por esta tentativa de definição e pelo que foi visto até então, o que podemos depreender é que a concepção de si-mesmo caminha para uma região pouco estável e distanciada de uma *afinação* epistemológica.

Esta situação se apresenta de forma mais evidenciada quando nos aproximamos das características do si-mesmo, não só de indissociabilidade com a *imago dei*, como também de intangibilidade, inefabilidade, incomensurabilidade, incognoscibilidade, atemporalidade, incorruptibilidade, eternidade e transcendência. O que chama a nossa atenção é que essa idéia se baseia na perspectiva daquilo que Jung classificou de “empírico em parte” (ibid.).

Mostrando-se como um conceito impermeável, ou inadequado, a uma crítica epistemológica, trabalha-se, mais uma vez, partindo da “hipótese” ou “postulado” (ibid.) do si-mesmo *como se* fosse algo totalmente empírico, o que o próprio Jung afirma não ser, ao final de sua vida.

Retomando uma passagem de **Aion**, já citada anteriormente, o si-mesmo é um fator psíquico de que só se pode ter uma

idéia satisfatória [...] a partir de uma experiência mais ou menos completa [...] [que] trata de *fatos* e [...] o chamado conceito, neste caso, não é mais do que uma descrição ou definição resumida desses fatos. [...] Não se trata do conceito, mas sim de uma palavra, de uma ficha de jogar que só tem importância e aplicação por representar a soma das experiências que, lamentavelmente, não posso transmitir aos meus leitores [...] Sempre que meu método é aplicado [descrição da natureza dessas experiências e o método de obtê-las], são confirmadas as minhas indicações referentes aos fatos. Na época de Galileu qualquer um poderia ver as luas de Júpiter, se se desse ao trabalho de usar o telescópio por ele inventado. (JUNG, [1951] 1990 § 63)

Neste sentido, somos levados a crer, diante do que foi apresentado até então, que o *telescópio* utilizado por Jung é o seu *próprio olhar*. Assim, finalizando, ainda em relação ao si-mesmo, cumpre dizer que aquilo que externa e aparentemente mais fragiliza o *ponto de vista* de Jung – observação e compreensão do material empírico ou “empírico em parte” (ibid.) – só se sustenta ou realiza quando se parte do próprio universo de construtos junguianos. Um universo que só é plausível se levarmos em conta os aspectos propostos de sua própria teoria, mas que, fora dela, se ancora em local incerto.